

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 149

Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 18300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 13500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

Cartas d'Algures

13 DE JUNHO.

Dia do milagroso Santo Antonio, que fez ajoelhar a burra quando passava a hostia e não sei que proezas mais.

Que o milagre da burra pouco tem de extraordinario, afinal. Era uma questão de convívio, de familiaridade e nada mais. Nos tempos modernos tem-se visto a acção do convívio levar a milagres muito maiores. Ali em Aveiro, por exemplo, ha um milagroso tão familiarizado com os burros que basta elles verem-no para correrem logo a beijá-lo. No comicio da Palhaça dizia elle ao respeitavel publico que não tivesse medo dos burros da cavallaria, porque elle se poria á frente do povo, nas ruas, e os cavallos, em o vendo, era como *paçaste*; estacavam logo e curvavam a cabeça com a devida reverencia. D'ahi até ajoelhar não vae differença nenhuma.

Conta-se dos burros da sardinha e do berbigão que quando lhe passam pela porta lhes vem o impeto irresistivel de entrarem por ella dentro para lhe darem o beijo do estylo. E' só descobrirem-lhe a pontita da barbita russa. Os almocreves, que já conhecem a força do milagre, em chegando perto da casa do milagroso vão logo a correr pôr-se do lado da porta, com uma mão na cabeçada e empunhando fortemente uma vergasta com a outra, para evitar o milagre, que é desastroso para elles.

O milagre de Santo Antonio não é superior a esse.

Santo Antonio era forte de espirito mas fraco de corpo. Todos os santos prégarão sempre a fraqueza da carne. Mas esse d'Aveiro excede tanto o Santo Antonio que, em dias de lucta e de crise local, poz á disposição de certo influente, não só a alma mas o proprio corpo. Não se sabe ainda o que o influente fez do corpo. Ha de se vir a saber com o tempo. Mas corpo de milagroso de tal ordem deve ser corpo d'alto lá com elle, e o morgado influente deve ter feito com tal corpo coisas do arco da velha.

Santo milagroso de Aveiro! De Aveiro, não. Fica Aveiro sem tamanha honra. O milagroso, que tão grandes coisas tem feito com os burros, não é da cidade, é da serra.

Fica Aveiro sem tamanha honra! Mas d'aqui se vê que a tal cavalgadurice de Santo Antonio, que a historia religiosa tão pasmada refere, nada tem de pasmoso.

Seja como fôr, é hoje dia do milagroso. E compete-me asso-

ciar-me ás homenagens populares, visto que o milagroso já fez o milagre de me dar assumpto para dois quartos de papel.

Comecei esta carta por dever de officio, sem saber o que havia de dizer. Valen-me ser dia de Santo Antonio, que já tive alguma coisa que dizer. Abençoado santo!

Mas que mais hei de escrever? Estamos em periodo de calmaria. Dentro e fóra do paiz. Paz e socego em toda a linha. Até aqui ainda a guerra do Transwaal nos dava alguma distracção. Agora nem isso. Os pobres boers, exgotados, tiveram que depôr as armas. Era de prevêr. Só a revolta geral dos afrikanders, que não chegou a realizar-se, ou graves difficuldades que se erguessem á Inglaterra n'outra parte do mundo, poderiam dar o triumpho aos boers. Não era impossivel nem uma coisa, nem outra. Mas nenhuma d'ellas se realisou. E os boers, entregues a si proprios, succumbiriam necessariamente. Era questão de tempo.

Pelo lado dos nossos interesses, não se pôde dizer que perdessemos com o triumpho dos inglezes. Se nos vão sempre levando alguma coisa, não levam tudo. E os boers, se ficam triumphantes, eram visinhos tão prejudiciaes, pelo menos, como os inglezes. Pelo lado da justiça e dos bons principios ha que lamentar a quêda de um povo, que queria ser independente e que tinha todo o direito a essa independencia. O direito anda muito esquecido e não falta, por isso, quem entenda que devemos rejubilar com a quêda dos boers. Mas a verdade é que a unica razão estavel e segura é a do direito. Todas as outras constituem uma espada de dois gumes, que fere hoje o nosso inimigo para nos feir amanhã a nós proprio. Esta é que é a grande verdade. A razão que a Inglaterra invocou contra o Transwaal é a mesma que tem invocado tantas vezes contra nós, como tem invocado a Alemanha, como a tem invocado a França, como a tem invocado a Hespanha, como qualquer d'ellas a pôde invocar outra vez amanhã: a razão dos interesses, a razão da força.

Podemos aceitar os factos consummados. Nem temos outro recurso. Mas applaudir a Inglaterra, de fórmula nenhuma, porque então teremos de applaudir amanhã a Hespanha, se, por si só, ou auxiliada por outras, attentar contra a nossa existencia de nação livre e independente. Em que se funda amanhã a Hespanha, se intentar metter Portugal no seu territorio? Nas suas conveniencias. Tal e qual como a Inglaterra agora em face do Trans-

waal. E havemos de a applaudir? Necessariamente, para sermos coherentes e logicos, se applaudirmos agora a Inglaterra. Antes, a Hespanha tem mais algum direito, se a circumstancia de nós termos já pertencido á Hespanha pôde ser uma parcella de direito.

Ai dos fracos, quando põem de parte a verdade, a justiça, o direito. E' esta a sua unica força. Perdida ella, está perdido tudo. A força e a usurpação que applaudirem hoje contra um extranho é a mesma força e a mesma usurpação que os pôde amanhã victimar a elles proprios.

Isto, em nós, não importa odio á Inglaterra. Não confundamos. Ninguém admira mais esta grande nação do que nós a admiramos, admiração que esse *Povo de Aveiro* tem manifestado tantas vezes. Admiramos na Inglaterra o seu espirito de liberdade, de independencia, de progresso. Admiramos a sua cultura. Admiramos o seu extraordinario espirito práctico, tão intelligente, tão são. Admiramos a sua tenacidade, o seu patriotismo e oxalá que Portugal tivesse aprendido com ella a cultivar todas as grandes virtudes. Não extranhamos mesmo o seu egoismo, o seu espirito de usurpação contra os outros povos. Mas não o applaudimos, não o podemos applaudir e entendemos que estes são dignos de sympathias quando se oppõem a esse egoismo e a essa usurpação. Para não o fazermos era necessario partirmos do principio de que Portugal não tem direito algum a proceder, em egualdade de circumstancias, como procedeu agora o Transwaal.

Podemos partir d'esse principio? Partem d'ahi aquelles que rejubilarão sempre com os prejuizos e que rejubilam agora com a quêda dos boers?

Se partem d'ahi, tenham a franqueza de o dizer e então são logicos.

A Inglaterra venceu. Hostilisa-la Portugal é asneira. Não ha duvida nenhuma. Mas dizer-se que a Inglaterra fez muito bem em attentar contra a independencia do Transwaal e do Orange, mas exultar e soltar brados d'enthusiasmo porque as duas republicas perderam a independencia a que tinham tanto direito, pela qual sentiam tanto amor e que defenderam com tanta heroicidade, isso de fórmula nenhuma. E' uma tremenda iniquidade. E' uma acção feia. E' mesmo um acto de pouca habilidade n'um paiz fraco como Portugal. Se é o *Cabecinha* de Aveiro que diz isso, ou o *Tinhoso*, ou o *Bicheza*, ou o *dr. Muleta*, ou o *dr. Muliço*, ou o *Silverinho das Flautas*, ou o amigo *Mijareta*, ou o *Reles*, ou quejandos, admiravel collecção

de typos que só Aveiro possui, a gente ri-se e não lhes responde.

Mas quando são homens intelligentes, entristece, faz pena. Venceu a Inglaterra, venceu. Mas affirme-se a razão, a justiça, o direito.

A. B.

O illustrado secretario geral d'este districto, sr. dr. João Feio Soares d'Azevedo, vae ser agraciado com a commenda de Isabel a Catholica.

Desde já felicitamos sua ex.ª pela distincção merecida.

Selvageria

Já foram descobertos, e estão sob a acção da justiça, os selvagens que ha dias, na linha do Norte, ao kilometro 275, collocaram um carril atravessado na linha ferrea, com o malevoloproposito de fazer descarrilar o comboio. São elles: Sabino de Mattos, Manuel Piqueira, Manuel Carvalho e Manuel Rodrigues Curto, todos da freguezia de S. Thomé de Canellas.

Para estes crimes o maximo da pena ainda é pouco.

A CLERICALHA LOCAL

Sem uma carta que nos dirigiram, e que não recebemos a tempo do ultimo numero, teria passado desconhecida para nós a tentativa feita por duas *irmãs* do convento de Jesus.

Agradecemos todas as informações, quer de interesse local, quer de interesse geral que nos forem enviadas, porque, sem ellas, varios factos nos passarão despercebidos, dado o afastamento em que vivemos. Agora até o *Cabecinha* nos faltou!

Todos os inelitos *orgãos* da localidade nos tem deitado ao desprezo. Primeiro foi o *Districto de Aveiro*. Depois foi o *Campeão das Provincias*. Agora é a *Vitalidade*, orgão do excelso sr. Jayme de Magalhães Lima, do reverendo padre Vieira e do pittoresco *Cabecinha*. Fazem-nos falta. Não havendo duvidas da nossa superioridade intellectual e moral sobre *Bichezas*, *Cabecinhas* e socios, seria legitimo que fosessemos nós que suspendessemos a troca do *Povo de Aveiro* com os pasquins da localidade e não elles que a suspendessem connosco. Pois nunca o fizemos. Nunca! Já pelo prazer, já pela necessidade de os ouvir. Prazer, porque, se uma ou outra infamia nos poderia desagradar, agradava-nos o geral das baboseiras, que nós davam pé para falar, proferidas a nosso respeito. Necessidade, porque sem sabermos o que elles dizem não podemos obstar a to-

das as patifarias que a corja incessantemente vae tramando em Aveiro, contra a liberdade em geral e contra os interesses e a honra d'esta terra em particular.

Fazem-nos falta! Fazem-nos falta!

Accetamos, pois, e agradecemos todas as informações, todos os documentos, todos os periodicos que nos enviarem, no sentido de se nos chamar a attenção para pontos reputados d'alguma importancia.

Ha muito que recebemos informações, periodicos, documentos d'essa natureza, enviados não só de Aveiro como de outros pontos do paiz. Nunca tivemos occasião de o agradecer e de manifestar o nosso agrado por tão precioso auxilio. Hoje o fazemos alegremente.

Sem a carta, pois, a que nos vimos referindo, não teriamos dado pela proeza das *irmãs* de Jesus. E' certo que antes d'ella tinhamos recebido o *Jornal de Noticias*, do Porto, e a *Epoca*, de Lisboa, os quaes se referiam ao caso. Mas, por uma circumstancia excepcional, não tinhamos ainda lido esses periodicos. Só o fizemos depois da leitura da carta a que nos estamos referindo.

O caso é simples, está referido já em varios jornaes e por isso não nos deteremos n'elle. Um negociante do Porto, o sr. João Joaquim Villar, encontrou n'uma carruagem d'um comboio duas *irmãs* da caridade com uma rapariga. A rapariga implorou contra as *irmãs* o auxilio d'aquelle cavalleiro, dizendo, entre lagrimas, que ellas a arrastavam á força para um convento de Aveiro, o convento de Jesus. O sr. Villar, contra a viva opposição das *manas*, fez desembarcar a rapariga, e reconduziu-a ao Porto.

Eis o caso em si.

O caso é esse. Para nós, aveirenses, o mais importante, porém, é sabermos que o convento de Jesus tambem se entrega desafortadamente a esse *commercio*.

Pelo natural receio da opinião liberal, que é activa na cidade, o coio de Jesus procedem sempre com muita prudencia e cautella. Assim, é natural que tenham ficado na ignorancia dos aveirenses a maior parte das proezas do coio. Mas esta agora vem dar o alarme e junta a outras incidencias symptomaticas dos ultimos tempos impõe-nos a obrigação de dar combate áquelle foco da clericalha.

Vamos a elle. Mas, para isso, são necessarios elementos, que nós não temos. Ignoramos completamente o que se passa no coio.

Que alguma alma piedosa nos vá informando e nós acudiremos logo ao combate.

Como diz o auctor da carta de que tratamos, á clericalha jornalística de Aveiro não fez a menor impressão a noticia do attentado commettido pelas manas de Jesus. Pois não. Quem são os jornalistas d'Aveiro? O *Cabeçinha*, o *Bicheza* e quejandos. No *Campeão das Provincias* manda Barboza de Magalhães. No *Progresso d'Aveiro*, Almeida Vilhena. Na *Vitalidade* Jayme Lima e padre Vieira. No *Districto de Aveiro* mandam todos e não manda ninguém. Como ha de a causa liberal encontrar apoio n'esses periodicos? Ora valha-nos Nossa Senhora!

Temos de os contar sempre como inimigos. Fiquem com essa certeza todos os liberaes de Aveiro. Não queremos dizer com isto que, á parte a quadrilha dos francaceos, que essa é toda ou quasi toda de velhos reaccionarios e de apostatas da ultima hora, não haja homens de fé liberal e de boas intenções nos agrupamentos politicos que aquelles periodicos representam. Mas á frente d'esses periodicos é que não está um unico individuo que mereça aos liberaes de Aveiro a minima confiança. Ou especulam com a clericalha, como Barboza de Magalhães, que faz causa commun com ella, ou são verdadeiros reaccionarios, como Jayme Lima e Almeida Vilhena.

Temos de considerar todos esses senhores inimigos decididos da causa liberal, agentes activos da reacção.

E' contar com isso. A proposito notaremos, como o auctor da carta, a circumstancia da malandragem reaccionaria não nos ter dieto ainda o nome dos importantes vultos que compozeram a *comissão de desaggravo*, nem os dos signatarios da mensagem que, segundo dizem, levava 200 assignaturas.

Já é gentinha, acrescenta o nosso informador, para uma população de 10:000 almas que apupou o mitrado!

Lá isso é! Mas venham os nomes, venham os nomes! Isso é que nós queriamos vêr. N'essa não cahem elles!

Excursão á Figueira da Foz

Vae um enthusiasmo indiscriptivel com a excursão á Figueira que os nossos bombeiros voluntarios promoveram.

Dizem-nos que poucos bilhetes já restam.

Um jornal inglez, a *«Westminster Gazette»*, conta a seguinte historia:

«Um velho habitante de Clapham, mister O. W. Gerdlstone, com 85 annos de idade, conhecido pelo facto de comer vidro e outros alimentos pouco vulgares e ordinarios, declarou que, em 1862, por occasião da guerra civil norte americana, cultivava entusiasticamente a sua paixão pelo vidro. Esmigalhava-o com os dentes, até o ter pulverizado, e, em seguida engolia-o. E igualmente comia carvão, tijolo etc., mas gostava mais do vidro. Era o seu petisco predilecto.

E um dia, ao jantar, depois de ter bebido o champagne, comeu a taça onde lhe serviram o agradável vinho, chamando seguidamente ás engulideiras uma vela e todas as cinzas que havia na chaminé, devorando por ultimo as flores que ornamentavam bellamente a meza do banquete. O homem espera com a maxima confiança o seu centenário.»

O analphabetismo NO EXERCITO

As «Novidades» de 4 de Junho publicam outra carta sobre o analphabetismo no exercito sob a epigrapha «A instrucção dos soldados». Eil-a:

Sr. redactor.—Em infantaria n.º 14, onde todos os capitães acceitaram, este anno, a exhortação do sr. ministro da guerra, fui eu que ensinei o methodo João de Deus ao pessoal graduado das companhias. Gastei n'isso um mez, todo o mez de novembro. E ensinei um capitão, tres tenentes, um alferes, dezoito sargentos e quatro primeiros cabos.

O ensino era facultativo. Sendo facultativo, não se apresentaram a recebe-lo todos os graduados das companhias. E, ainda por ser facultativo, nem todos os que se apresentaram tiveram *pachorra* para o seguir até ao fim. Mas estes foram muito poucos: dois ou tres subalternos e um sargento, apenas.

Com os cabos, a difficuldade era grande, porque havendo muito poucos no regimento as exigencias do serviço não permitiam que elles assistissem á maior parte das lições. Só conseguí, por isso, habilitar quatro.

Além d'esse pessoal, todo de infantaria 14, habilitei um de infantaria 10, um capitão de infantaria 13, o padre capellão de infantaria 24 e um alferes de cavallaria 8, que, muito louvavelmente, se prestaram a receber o ensino e que o receberam, com auctorisação superior, juntamente com os officiaes de infantaria 14.

Todos esses individuos, quer do 14, quer de fóra, officiaes, sargentos e cabos, ficaram sabendo ensinar, perfeitamente, pelo methodo de João de Deus.

Portanto, só ali temos nós mais do que o numero preciso para constituir a brigada ou missão que poderia percorrer os regimentos para ensinar o methodo João de Deus ao pessoal graduado das companhias, brigada ou missão a que me referi na minha ultima carta. Só ali. Mas eu estou certo de que haveria no exercito mais officiaes e sargentos que conhecem o methodo João de Deus e em condições de o ensinarem.

Que não basta isto. E' preciso, ainda, nos mestres, ou no chefe da missão, pelo menos, algum enthusiasmo, o fervor da idéa, a fé dos apostolos. E como nem todos possuem esta condição indispensavel, convém escolhe-los com muito cuidado.

Parto da hypothese, é claro, de ser o methodo João de Deus o methodo adoptado.

Se eu, sózinho, ensinei, n'um mez, 9 officiaes, 18 sargentos e 4 cabos; não restam duvidas de que um official e um sargento podem, muito bem, ensinar, em 30 dias, os quadros de cada regimento.

E, por esse lado, ficaria a difficuldade resolvida, com a despeza minima d'uma gratificação, durante alguns mezes, a meia duzia de officiaes e a meia duzia de sargentos, despeza que, apesar de minima e bem minima, apesar de miseravel, direi mesmo, em relação ao fim utilissimo que se tinha em vista, poderia sair dos fundos das escolas regimentaes, que, dando para muito luxo superfluo, bem melhor poderiam dar para isso, ou para isso e para o luxo, porque, como é sabido, são avultados em quasi todos os regimentos. E assim ficaria o orçamento, mesmo n'essa verba passageira e ephemera das gratificações, sem o encargo ou sem o peso de cinco réis a mais.

Ensinados uma vez os quadros das companhias em cada regimento, o que, repito, se faria em poucos mezes para todo o exercito, o pessoal habilitado que ficasse, nas oscillações de transferencias e promoções, iria ensinando os que fossem substituir os que saíssem. E a vontade do capitão faria o resto.

Mas, dir-se-ha, estando, geralmente, incompletos os quadros das companhias, viria a faltar pessoal para o ensino litterario, como, em re-

gra, falta para o ensino exclusivamente militar.

A isso respondo com a prática da minha companhia.

Recebi este anno 52 recrutas. Em harmonia com o art. 5.º do Regulamento geral das escolas para praças de pret, e em obediência á circular de sua ex.ª o ministro da guerra, professo-se na companhia o 1.º curso das escolas regimentaes. Não me limitei, por consequencia, a ensinar os analphabetos.

Juntaram-se, aos 52 recrutas, dois 2.ºs cabos, um quarteleiro e outro impedido no caso dos alfayates, e dois soldados, um impedido no caso dos alfayates, e outro no caso dos sapaiteiros, que pediram para professar o 1.º curso na companhia. Ao todo, 56 homens. Faltava-me um alferes. Estava vago esse logar na companhia. Faltava-me o 1.º sargento, que estava em Africa. Faltava-me um 2.º sargento, que estava impedido no quartel general. E faltavam me quatro 1.ºs cabos. No anno anterior tinha eu habilitado aos poucos de 1.ºs cabos, precisos não só para completar o quadro da minha companhia mas ainda para fornecer aos quadros de outras companhias. Mas foram-nos tirando durante o anno e ao começar o ensino vi-me reduzido a dois.

Eis, pois, o pessoal que me restava para ensinar 56 homens: um tenente, dois 2.ºs sargentos, um d'estes a responder por companhia, e dois 1.ºs cabos. Em boa consciencia ninguém dirá que fosse muito. Contudo, nenhum de nós se cançou e todos os 56 homens aprenderam bastante em relação ao que sabiam.

Dos analphabetos nem um ficou sem, mais ou menos, saber ler, escrever e contar.

Logo, ainda mesmo que os quadros da companhia estejam reduzidos a menos de metade, é facil ministrar, com o ensino profissional, o ensino litterario, se o pessoal graduado estiver habilitado e, sobretudo, se o capitão quizer.

Sobre tudo, se o capitão quizer. Friso novamente esta circumstancia.

Nós todos, portugueses, somos, em regra, preguiçosos e rotineiros. Tudo nos serve de motivo e pretexto á mandrice. Quando temos um pequenino esforço nunca sempre que é a mandrice, e só a mandrice, a unica razão, geralmente, de se não fazermos as coisas.

Quanto á duração do ensino, prova-me a experiencia que cem menos de duas lições diarias, de duas horas cada uma, não se consegue que os pobres brutos fiquem sabendo ler, escrever e contar.

Ninguém imagina a bruteza d'estes párias das aldeias. Não ha nada mais inculto, mais cerrado, mais selvagem. Nem eu mesmo tinha profundado tamanha bruteza, antes de começar com o ensino litterario. Porque é uma outra vantagem d'este ensino: pôr o capitão em contacto mais ligado com os seus soldados, que fica conhecendo intimamente.

São uns verdadeiros barbaros. O vocabulario d'elles é limitadissimo. Os proprios termos que conhecem saem quasi todos estropiados, n'uma pronuncia horrorosa. Palavras de cinco syllabas ou mais, se são novas para elles, só a muito custo lhes entram na cabeça. Os *Deveres dos Filhos* já constituem um livro difficil para elles. A *Selecta Militar*, com os seus trechos classicos, com a prosa de Latino Coelho, Herculano e Castilho, com os velhos termos militares das descrições dos antigos castellos, das guerras e cercos de outr'ora, é chinez.

Não percebem patavina. Livro impossivel em mãos de cabos e soldados.

Dos 52 recrutas, que recebeu a companhia, 26 nunca tinham visto uma letra; 11 conheciam n'as, mas com grande difficuldade e imperfeição, e por isso, aprenderam com os outros o methodo João de Deus; 15 liam correntemente, mas escreviam mal, e poucos conheciam as quatro operações.

Dos 52, ninguém me soube dar uma idéa approximada de patria. Nenhum me soube dizer bem o que era Portugal. Só dois me souberam dizer o nome do rei do chefe do estado!

Um d'elles, o n.º 9, disse-me que o rei de Portugal era o Papa. Os

graduados da companhia riram-se muito com a triste ignorancia do pobre diabo e d'ahi por diante nunca mais o conheceram senão pelo Papa. Para toda a companhia é... o Papa!

Ao lêrem um trecho da *Selecta Militar* D. Vasco da Gama—de Pinheiro Chagas, e averiguando eu que a ignorancia de todos, sobre o descobridor e a descoberta da India, era absoluta, como, de resto, em tudo, que dizia respeito á historia e á chonographia da nação, voltei-me para o n.º 95, que está hoje em infantaria 16, um alfayate de aspecto meio *bailão*, embora de bom fundo, que tinha vindo de Lisboa e que já tinha estado no Porto, em Santarem e n'outras terras do paiz, e perguntei lhe se elle não estava na capital por occasião do centenário da India. Respondeu-me que sim.

—Então o que foi o centenário da India?

—Foi um grande homem, que já morreu ha muitos annos e que prestou grandes serviços ao paiz.

E disse-o sem trepidar, com ares solennes de orador popular de comicios e perfeita consciencia da sua superioridade sobre os camaradas, que o ouviam, attonitos de tanto saber.

E é com estes que os reformadores portuguezes querem encetar a «vida nova»!

E é com estes que os patriotas querem voltar aos tempos das nossas velhas glorias militares!

Mas eu alonguei-me e ainda tenho alguma coisa a dizer.

Portanto, concluirei na carta seguinte, se v. continuar a permittil-o.

Com toda a consideração,
De v. etc.,
Vizeu,—3—6—1902.
Francisco Manuel Homem Christo.

Fallecimento

Victimado pela tuberculose que ha muito o vinha minando, falleceu na ultima terça feira, n'esta cidade, o brioso artista sr. Ignacio Pinto de Miranda, irmão dos nossos amigos srs. João Pinto de Miranda, honrado e bem quisto artista estabelecido na rua da Apresentação, e Eduardo Pinto de Miranda, intelligente empregado da repartição de fazenda d'este districto, a quem enviamos sentidas condolencias.

CONVENTO DAS CARMELITAS

Devia ser hontem apresentada á sancção regia, o decreto concedendo á camara municipal de Aveiro a cerca do convento das Carmelitas, d'esta cidade.

Tendo a actual vereação o maior empenho em dar o mais desenvolvido impulso á construcção das escolas da instrucção primaria da freguezia da Gloria, dirigiu uma representação a Sua Magestade, pedindo que lhe fosse concedida desde já, provisoriamente, a cerca do convento para immediatamente se dar principio ás construcções escolares, para cujo fim já esteve n'esta cidade o sr. Adães Bermudes elaborando o respectivo projecto. Diz-se que entre este distincto architecto e o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, illustrado presidente da camara, ficou assente o typo das novas casas de escola, cujos trabalhos de construcção se poderão inaugurar no proximo mez de setembro.

E' um melhoramento importantissimo que se deve aos grandes esforços do presidente do nosso municipio, sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, que, como poucos, soube acompanhar esta questão—que venceu.

«Povo de Aveiro.,
Em Aveiro, vende-se na «Pasteleria Cysne.»
Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

UM JULGAMENTO

O nosso presado collega lisbonense, *A Folha da Tarde*, chegada na ultima quinta-feira, diz a proposito de uma querella que lhe moveu um tal Elisiario:

«Foi hoje julgado no 2.º districto, o nosso editor, sr. Illydio Analyde da Costa, por querella promovida por sr. Elisiario que se julgou alvejado, por umas *locas publicadas na Folha da Tarde*, em que se chamava batoteiro a um Elisiario. Ora como Elisiario ha muitos, não se provou judicialmente que o Elisiario em questão fosse o querellante, pelo que o meretissimo juiz absolveu o nosso editor.»

Isto é em Lisboa. Com o julgamento do nosso editor deu-se exactamente o contrario.

Tambem nós aqui nos referimos n'umas palavras genericas a uns taes *Ricardos e Meirelles*, que tambem ha muitos, mas encaixando dois a carapuça, conseguiram levar ao tribunal tres testemunhas, da sua *egrejinha*, que affirmaram ser a elles, aos illustres *cidadões*, que nós nos referiamos; e apesar d'outras tres testemunhas de defeza justificarem que as referidas allusões se não podiam entender com tão *conspicuos* personagens, foi o nosso editor condemnado em TRINTA DIAS DE CADEIA, QUINZE A 500 RÉIS, CUSTAS E SELLOS!!!

Olé!
E' que Aveiro não é Lisboa.

Um crime na costa de S. Jacinto

No dia 30 do mez proximo passado como o mar não desse trabalho ás companhias de pesca alli estabelecidas, João Ramas, da Murtoza, mas ao serviço da companhia dos srs. Naias, juntamente com alguns homens da Murtoza e da Gafanha, foram beber a sua *pinga* a uma taberna d'alli, mas deu-se o caso de se travarem n'uma pequena altercação, sem importancia, dizem, sahindo todos, parece que em boa paz e harmonia. Todos os gafanhões e murtozeiros appareceram, mas o pobre do João Ramas até hoje não foi mais visto, roubando-o assim ao lar conjugal, onde uma pobre mulher e cinco creancinhas choram o sustentaculo da sua juventude.

Não restam duvidas á justiça e ao publico de que o Ramas foi covarde e traiçoeiramente assassinado pelos companheiros que com elle beberam na taberna, achando-se 4 d'elles já na cadeia d'esta cidade, onde estão incomunicaveis.

Suppõe-se que o infeliz assassinado fosse enterrado na areia, em sitio que, pelas ultimas chuvas, foi arrazado e não ser por isso facil de descobrir.

Como os trabalhos de investigação por parte da policia não tenham dado resultado satisfactorio, o digno d'legado d'esta comarca, sr. dr. José Libertador, a quem cabem muitos louvores tomou a si a obrigação de desvendar o véo, e foi áquella praia, acompanhado d'um escrivão e official levantar o respectivo auto, constando que sua ex.ª já tem na mão o fio de tão tenebrosa meada. Oxalá assim seja, para que a justiça, cega e implacavel, seja applicada, a tão nefandos seres humanos!

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte	
De manhã ás 3-45 m. (tram.)	De tarde ás 1-25 m. (tram.)
5 51 m.	7 37 m.
8 58 m.	10 5 m.
De Aveiro para o Sul	
De manhã ás 6 49 m.	De tarde ás 3 46 m.
8 51 m.	5 34 m. (rap.)
10 58 m.	10 45 m.

SCIENCIAS & LETTRAS

Cantaro partido

A Rosa passava pela mais galharda moçoila do lugar. Tinha no rosto a expressão fresca, poetica, divina, das raparigas do campo.

Brilhavam-lhe os olhos negros, vivos, irrequietos, como duas estrelas engastadas por baixo das pestanas fartas. Os seios opulentos, os braços semi-nús e uns principios de perna a revellarem indiscretamente encantos naturaes, d'uma plastica invejavel, realçada na côr mimososa e carminada das carnes davam-lhe uns predicados de mu, lher, que os Desejos namoravam n'uma cubiga intraduzivel.

Era verdadeiramente uma flôr aquella Rosa, e o seu nome tinha mais, por consequente, de nome scientifico que de nome de baptismo. Sobretudo — dizia-se — possuía um excellente coração, uma alma d'anjo.

Sua mãe, uma pobre velhinha, unico ente que lhe restava sobre a terra, mantinha-a ella com o seu trabalho honesto.

Os rapazes d'ali faziam-lhe frente mordendo-os o ciume, exacerbando-os a febre ardente de a possuirem.

Os seus dezesete annos disputava-os a mocidade varonil como quem disputa um objecto rarissimo, precioso, lançando o mais que pôde nas luctas d'uma licitação renhida.

Mas o Julião vencera-os, era o preferido; e, logo que isto se soube a fundo, não era difficil ouvir-se a opinião do vulgo, censurando a Rosa pela sua escolha detestavel.

Até parecia impossivel — rosnavam — que o Julião lhe não tivesse dado a «bata». A Rosa, tão escarvinha sempre, tão de juizo, tão boa rapariga, attende-o!... Havia ali o que quer que fosse, ou o Julião a tinha colhido a sós... e lhe fizera alguma... *

O rapaz não era feio, não era; mas um falador, um imprudente! Contava sem reservas de nenhuma especie a série das suas aventuras amorosas. Isto desacreditava-o no lugar, onde, em geral, os rapazes desconheciam aquellas coisas, e as velhotas, ao serem declamavam muito contra a «pouca vergonha das grandes terras», jurando todas á uma que os seus homes se haviam casado, como manda Deus, sem nunca terem conhecido outras mulheres... *

Pelas Ave-Marias, a Rosa, de companhia com outras raparigas da terra, lá ia com o seu cantaro, seguro pelo gargalo, o fundo no quadril, caminho da fonte. E, emquanto á bica, improvisada na nascente por um pedaço de piteira, se enchiam com vagar os cantaros de todas, a Rosa e as companheiras madrigalejavam umas quadras anonymas, cujo metro se indispõe a miúdo com o sentimento.

Depois, na volta, casavam-se as gargalhadas alvas com uns ditos innocentes, d'uma graça particular, subjectiva. E jámais se liam tristezas n'aquelles rostos saudaveis, n'uns n'aquelles espiritos felizes!

Um dia, a Rosa, porque teve de ministrar á mãe cuidados d'enfermeira, sahiu para a fonte mais tarde que se costume. Fei só. A menos de meio do atalho foi que se encontraram com as amigas, que regressavam já com os seus cantaros cheios. Mas não havia sombras de receio; d'ali até que se fizesse de noite estaria de volta. A fonte não ficava muito distante, ainda assim, e por aquelles sitios não constára ainda nenhuma desgraça.

Despreocupada, cantarorando, chegou e poz o cantaro a eucher. O sol despedia-se a toda a pressa, e as trevas approximavam-se, abrindo-se além a deixarem ver a lua, que já lá vinha em busca dos idyllios, *

A Rosa, surprehendida, não pôde conter uma exclamação de susto.

Da banda do ballado, que se estendia á direita, abeirado do atalho por um matagal de carrasqueiros altos, sentira ella um rumor equivooco e, logo após, surgir o busto do Julião!

Só, como estava, a Rosa teve apenas, na sua simplicidade e na sua inexperiencia do mundo, a primeira impressão desagradavel; mas aquietou-se depressa.

Se fosse outro homem, poderia haver duvida...

E dialogaram por um bocado, a despeito mesmo dos fios d'agua que o cantaro da enamorada camponeza despedia de si, a breve trecho, por cheio que estava. Dir-se-hia que, adivinhando o que quer fosse, o pobre cantaro chorava... *

Quando chegou a casa, a Rosa, ao ver-se diante da mãe, desatou a chorar. Trazia o avental molhado e não a acompanhava o cantaro. Partira-se — explicou ella — na aresta do tanque. Já estava até admirada de ter levado tantas vezes á fonte aquelle cantaro...

E mentira. O barro espedaçara-se, n'uma queda inevitavel do acaso, porque o Julião a cingira inesperadamente pela cinta. Mas a queda fôra por tal forma compensada pelos beijos e pelas caricias do seu prometido, que a Rosa, ao mesmo tempo que chorava a perda, via a necessidade da mentira.

Uns mezes depois — já ia apparecendo o signal evidente da culpa — o Julião quiz reparar o seu atrevimento. Amava effectivamente, e muito, a sua Rosa, e como, no fim de contas, lhe devia o melhor dos seus encantos, como afinal não tinha o coração desmoralizado ainda, apressou o enlace, para que no lugar as linguas das visinhas não entrassem mais pelos podres das suas irreflexões de rapaz, arrastando na corrente de descredito a honra de Rosa.

Houve coincidência: o casamento effectuou-se a 13 de junho, dia de Santo Antonio. Se as velhotas da terra suspeitassem do caso, não faltaria quem o attribuisse ao mago do thaumaturgo:

— O cantaro partido concertara-o elle!

Fernando Mendes.

Companhia Lisbonense

Em beneficio da actriz Marianna e do actor Cesar dos Santos, representou-se o 2.º acto do *Processo do Rasga*, diversas cançonetas, monologos e a *grande revista — Scenas... d'Aveiro* — cujo desempenho foi bastante correcto por parte dos nossos artistas-amadores, que, por obsequio aos sympathicos beneficiados, tomaram parte no seu desempenho.

As actrizes da companhia, magnificas como sempre.

Mas seja-nos licito especialisar os amadores Manuel da Paula (*o Sol-lá-si-dó*), João Telles e João da Graça, que revelam bastante intelligencia para o palco. Que prosigam, pois.

A casa estava *au grand complet*, pelo que felicitamos os beneficiados.

O sr. alferes d'infanteria 14, Salomão Vaz da Silveira Leitão, acaba de ser promovido a tenente e vae, por se ter offerecido, servir por dois annos no ultramar, para onde deve partir em breve.

Dando-lhe o nosso parabem pela sua promoção, desejamos-lhe boa viagem e que tenha por aquellas tropicaes plagas muita saude e que regresso feliz á sua terra, para satisfação de sua boa familia e dos seus numerosos amigos, que são todos os vizienses.

OS DUELLOS

Com este titulo publicavam as *Novidades*, de 4 de Junho corrente, o artigo que se vae lér.

E' o *Povo de Aveiro* o jornal que maior propaganda tem feito em Portugal contra o duello. Ha annos e annos que nós, desacompanhados, combatemos esse absurdo. Não o admittimos para caso nenhum, nunca o admittimos, ainda menos para os casos graves que para os casos ligeiros, por isso que, como muito bem dizem as *Novidades*, se os casos são mais graves maior necessidade ha de justiça directa.

Vezes sem conto temos apontado o exemplo d'Inglaterra, afirmando até que melhor seria aproveitarmos a alliança com esse paiz para lhe imitarmos o seu grande espirito pratico do que para subserviencias vergonhosas. Nem por não haver duello na Inglaterra, temos dicto tantas vezes, os inglezes deixam de ser corajosos e de se bater pela sua patria como os mais valentes.

Folgamos que as *Novidades*, órgão importante das classes conservadoras, abundem nas mesmas idéas e não hesitem em concordar que é indispensavel impedir a triste necessidade do duello, porque ainda é, ás vezes, infelizmente, uma necessidade, pela força dos preconceitos e por imposições de varia natureza, a que nem sempre se pôde fugir.

Eis o artigo:

Em França, patria das *Ligas* e terra classica dos duellos, formou-se ha pouco nma *liga* contra esses combates. E sabem por quem é presidida? Por Paul de Cassagnac, um dos mais famosos duellistas que em França tem havido! A força do pccado fez corrigir o endurecido peccador.

Todo o mundo está de accordo em que o duello, considerado á luz da boa razão, é absolutamente inadmissivel; mas meio mundo continua a bater-se, apesar d'isso. O fundamento d'esta contradicção dil-o o *Temps* nos seguintes termos, a proposito da instituição da *Liga* presidida por Paul de Cassagnac:

Ninguem quer ser suspeitado de ter medo. Toda a philosophia e toda a politica modernas proclamam que a vida humana é de infinito prego. Pois esta vida, que é um bem tão precioso, tem de ser arriscada pelo mais futil pretexto! Está admittido que cada qual tem o direito de tremer perante a ideia de perder o seu logar ou o seu *porte-monnaie*; mas deve expôr-se, sem hesitar e de sorriso nos labios, a perder a vida. Em boa logica é estúpido. Por qualquer ponto que se considere a questão do duello, desde que se raciocine, chega-se immediatamente á estupidéz. E', todavia, não menos certo que a logica não é juizo infallivel para as coisas humanas. A bravura é nobre e bella, emquanto que a covardia é feia e repugnante. O sentimento commum tem n'isso talvez razão contra a razão mesma. Afrontar a morte é um esforço de vontade, e a vontade que se afirma é uma faculdade da alma igual pelo menos á intelligencia que desaprova.

A *Liga* de Cassagnac declara, pela bocca dos seus mais conceituados adherentes, que não quer a suppressão completa dos duellos, e sómente a sua restricção, ficando reservados para os casos verdadeiramente graves, que a consciencia individual ou o decoro das familias não permita confiar ao julgamento de nenhum tribunal. Ainda n'este ponto haverá muito que dizer contra o duello; pois que, sendo os casos assim graves, maior necessidade ha de justiça directa; e o duello,

como lance do acaso ou da pericia, pôde agravar ainda mais, como muitas vezes se tem visto, a sorte do offendido. E assim a gravidade da offensa complica-se com a iniquidade da solução.

Todavia, como as grandes reformas de costumes não se effectuam n'um dia, bom é que se principie por diminuir a importancia dos duellos e restringir-lhe o numero. Depois, mais facilmente se passará para a total extincção. Ainda n'este ponto a Inglaterra nos dá um bom exemplo. Ainda no fim do seculo XVIII e principios do seculo XIX, o duello estava espalhado em Inglaterra, como na França. Hoje, os inglezes não se batem n'esses combates singulares. E ninguem dirá que elles não tenham virtudes civicas e não saibam bater-se nos campos de batalha. O duello pôde dizer-se que é agora inteiramente desconhecido em Inglaterra; e um homem, que ali quizesse pimponear de espadachim e de duellista tornar-se-hia tão ridiculo e tão mal visto, como em França ou na Hungria quem recusasse ir ao campo e de preferencia recorresse aos tribunaes para liquidar uma offensa. A França está em via de regeneração, pelo que se vê. Fazamos nós um esforço de boa vontade para a acompanhar-mos na moda nova, que vale mais do que a velha. A lucta pela vida tem tantos riscos e tantos arrosos, em que o homem pôde nobilitar-se pela audacia e pela sua dedicação ás nobres causas, que não vale a pena desperdiçar em mesquinhas pugnas singulares a demonstração e o exercicio das suas poderosas faculdades de combatividade.

Musica no jardim

Das 6 ás 8 da tarde toca hoje no Jardim Publico a banda de infantaria 24.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril Singer, installada na rua do Principe á entrada da Avenida

Vulcões em actividade

O numero de vulcões activos existentes em todo o globo terrestre, é de cerca de 350. Um unico ha no continente europêu: o Vesuvio, junto de Napoles. Porém em ilhas européas ha mais seis: o Etna, na Sicilia; o Vulcano e o Stromboli, nas ilhas de Lipari; o Santorio e o Nisyros, no mar Egeo, e um submarino proximo da costa siciliana.

No continente africano conhecem-se dez vulcões em actividade: quatro na costa occidental e seis na oriental, contando-se outros dez nas ilhas adjacentes.

Doze vulcões activos existem em Kamchatka, ao nordeste da Asia, e outros doze na costa sub-oriental e ilhas oceanicas proximas, taes como as Filipinas, onde se encontra o famoso Taal. Na Australia não se conhecem vulcões em actividade.

Na Islandia é celebre o Hecla, que ha muito tempo está inactivo. Os unicos signaes de vulcanismo que actualmente se manifestam n'aquella terra de gelo, são os *geisers*.

Na America contam-se mais vulcões activos que em todo o resto do planeta. Na America do Norte ha vinte; na America Central, vinte e cinco; e na do Sul trinta e sete; nas Antilhas menores existe um numero consideravel d'elles.

Por consequencia: existem um cento e dezesete vulcões activos nos

continentes, e approximadamente o duplo nas ilhas.

Quando se observa no mappa a distribuição d'estes vulcões, nota-se que não se distribuem irregularmente, mas sim encontram-se como que alinhados. Os do continente americano, por exemplo, formam uma linha a todo o comprimento da região occidental, desde a Terra de Fogo, n extremo sul, até ás geladas regiões de Alaska, ao norte. Outra linha formam nas Antilhas menores, linha de pouca resistencia que se prolonga pelo oriente das ilhas de Bahama, penetrando pelo este dos Estados-Unidos, e subindo pelas immedições de Nova York até ao Canadá.

Outra linha, mais curta, crusa o Mediterraneo de S. O. a N. E. — Duas linhas se marcam no continente africano, e outra no oriente da Asia, que desce o norte formando uma grande curva que entra pela Malasia passando pelas ilhas Filipinas.

TYPOGRAPHIA DO POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras funcções typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

Foi determinado pelo ministerio da guerra que sejam chamadas ao serviço activo as praças das 2.ª reserva, classe de 1901, a fim de fazerem exercicio durante o mez de agosto proximo.

A estas praças serão feitos os principaes abonos, em quanto estiverem ao serviço, de pão, rancho e 20 réis diarios de pret, ou 100 réis diarios aquellas que voluntariamente deixarem de arrancar.

Durante o mesmo mez terão licença registada todos os soldados do serviço activo que a soliditarem, ainda que estejam no primeiro anno do seu alistamento.

ANNUNCIOS SAPATARIA REIS R. DOMINGOS CARRANCHO (A'S CINCO RUAS) AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma instalação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

**Bibliotheca
HISTORIAS ROMANTICAS**

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.
QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. — 3 volumes.
VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. — 1. vol.
EULALIA PONTOIS, de F. Soulié. — 1. vol.
A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet. — 1. vol.
SENHOR EU, de Farina. — 1. vol.
Cada volume, 100 rs.
 Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

**HISTORIA DA
REVOLUÇÃO PORTUGUEZA
De 1820**

Illustrada com magníficos retratos dos grandes patriotas d'aquella época
 ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanais de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas 60 réis
 Cada vol. brochado.. 1:500 »
 Obra completa (4 vol) 6:000 »

A assignatura por fasciculos póde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.
 Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Nello Guimarães.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA
 Succesora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER

FOR JULIO VERNE

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDEIRA

AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA
 illustrado a côres por

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias sera feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 rs.—cada fasciculo—**120 rs.**

Os pedidos d'assignatura pódem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

Catecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A venda na Livraria Elysis —Rua Formosa, 282 PORTO

NOVIDADE LITTERARIA

ALMANACH HACHETTE

PARA 1902

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

50 rs. cada semana, no acto da entrega

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolva-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

Jayme Duarte Silva

ADVOCADO

R. DO SOL—AVEIRO

"O NORTE,"

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

BIBLIOTHECA HORAS ROMANTICAS

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreccho e pela sua fórma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

A NOVA PHASE

DO **SOCIALISMO**

POR

JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, eucadejam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos da assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

HENRY SIENKIEWICZ

(auctor do «Quo Vadis»)

HANIA

primorosa novella polaca do celebre auctor do «Quo Vadis», «Sem dogma», «Diluvio», «Sigamol-o!»

Preço de cada volume—illustrado com uma capa a côres

Preço 300 réis

Pedidos á Direcção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, ou aos seus correspondentes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA

ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,"

Fundada em 1862

EM

Kaiserslantern

São estas as melhores machinas de costura



- A machina PFAFF para costureiras.
- A machina PFAFF para alfaiates.
- A machina PFAFF para modistas.
- A machina PFAFF para sapateiros.
- A machina PFAFF para seleiros.
- A machina PFAFF para correiros.
- A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cahedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
 A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
 Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
 Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
 Conserta-se machinas de todos os systemas.
 Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

Vinho de Bucellas

O legitimo vinho de Bucellas so se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Camellas, á Praça do Peixe.

CONSULTORIO

DENTARIO

DE

THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.
 Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Recife, 4 a 44

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio.

Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Lonças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79